



Rogério Miorando



Possui mestrado e doutorado em Engenharia de Produção (2011) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com pós-doutorado pelo Politecnico di Milano, Itália. Atualmente é Professor do Departamento de Engenharia de Produção e Sistemas (EPS) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Tem experiência na área de Engenharia de Produção, com ênfase em Finanças Corporativas, Engenharia Econômica e Análise de Riscos.

Por que escolheu a engenharia?

Eu fiz um teste vocacional durante o ensino médio e apontou que eu tinha facilidade com ciências exatas. Também indicou que o ideal para mim seria uma profissão que não me prendesse dentro de um escritório, mas que também me possibilitasse sair a campo. Então, lembro que me identifiquei com a Engenharia Civil. Eu gostava muito da área de projeto estrutural e isso motivou minha escolha. Me formei na UFRGS, em Porto Alegre. Na época, ainda não havia o curso de Engenharia de Produção na UFRGS, ele iniciou alguns anos depois. Eu não conhecia a Engenharia de Produção quando prestei vestibular. Assim, mesmo que a Produção já fosse oferecida, minha escolha pela Civil não teria mudado. No entanto, escolhi produção como ênfase do meu curso de Engenharia Civil, já que a UFRGS oferece essa possibilidade. Quando me formei, o mercado estava muito ruim para a Engenharia Civil, principalmente para projetos de estruturas. Tentei migrar para o mercado da produção, mas, como tinha pouca formação na área, tive dificuldades de conseguir me colocar no mercado. Foi aí que me decidi pela pós-graduação em produção e acabei abandonando a Engenharia Civil. Meu doutorado também foi em Porto Alegre, na UFRGS. Mais tarde fiz um pós-doc no Politécnico de Milão.

E por que escolheu ser professor?

Foi um processo natural. Já no mestrado me convidaram para ser professor substituto. Não vou dizer gostei de início, a primeira experiência trouxe uma mistura de sentimentos. Como em tudo que se está começando, sempre surgia a dúvida, após algumas aulas horríveis, se eu realmente tinha talento para a tarefa. Por outro lado, como eu também trabalhava em projetos e consultorias junto à indústria, era muito gratificante ligar os dois mundos: trazer a experiência e os problemas da indústria para as aulas e levar as ferramentas da academia para a indústria, atendendo as duas carências. A combinação dessas duas coisas foi o que me fez optar pela profissão. Embora nunca houvesse descartado a possibilidade, até então, ser professor não era meu projeto de vida.

Chegou a trabalhar fora da área acadêmica?

Trabalhei no Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, no departamento de Engenharia e Arquitetura. Mas não gostei, pois os funcionários do Tribunal ficam responsáveis somente por projetos pequenos, como pequenas expansões ou manutenções prediais. Os projetos grandes, como a construção de um fórum, eram licitados. Havia pouco desafio! Após 6 meses eu já havia aprendido tudo o que tinha para aprender. Nessa situação, eu já estava adotando um ritmo é lento, que caracteriza grande parte do funcionalismo público, e me acomodando. Como minha formatura estava próxima, tive que tomar uma decisão, se continuasse no ritmo que eu estava não conseguiria crescer profissionalmente e jamais sairia do Tribunal. Então decidi abandonar o cargo público e tentar a vida na iniciativa privada, o que me levou a pós-graduação... Durante meu período de pós-graduação realizei vários projetos de Pesquisa e Desenvolvimento e de consultorias junto à indústria, mas não mais como funcionário.

O que mais te encanta na profissão?

Não apenas como professor, mas também como pesquisador: a liberdade para poder explorar assuntos que são do teu interesse, ao menos na maior parte das vezes. No início da carreira acadêmica, geralmente você precisa abraçar uma carga de conteúdos que não são da tua área. Mas com o tempo você vai conquistando espaço e consegue se dedicar a assuntos que realmente são do teu interesse, que você realmente gosta, e isso é bem gratificante. Quando você chega nesse estágio e pode ministrar as disciplinas que estão ligadas à tua área, compartilhar esse conhecimento com os alunos é uma grande satisfação. Por mais que muitos pensem que alunos da graduação ainda não possuem maturidade em determinados conteúdos para produzir uma discussão profunda, sempre há um olhar diferente sobre o tema. Mesmo um olhar, por vezes ingênuo, pode produzir novos insights sobre um assunto, e isso é gratificante! Talvez isso seja o dom para a profissão, gostar de compartilhar conhecimento. Isso vale não apenas na academia, mas também na indústria. Porque quando se leva o conhecimento e ferramentas da academia para indústria, existe uma boa receptividade. No Brasil o reconhecimento ainda não é o desejado, pois muitos gestores veem um mestre ou doutor como um profissional muito teórico e pouco aplicado. E por vezes isso é verdade! Mas tanto a academia como a indústria estão mudando aos poucos esta visão, pois o mundo está exigindo cada vez mais ciência e tecnologia para a indústria ser competitiva. Assim, a mesma satisfação que você sente dando aula, se repete quando você vai para a indústria resolver problemas ou mostrar como eles podem resolver seus problemas cotidianos de uma forma mais prática e eficiente. Vamos ver se até o final da entrevista eu convenço vocês a seguir a área acadêmica (risos).

Ouve-se que tanto o mestrado quanto o doutorado não são tão bem vistos na indústria. Isso realmente dificulta, de alguma forma, a receptividade?

Na produção isso não é um problema porque a pós-graduação está voltada para ferramentas aplicadas de engenharia e isso diferencia o profissional para no mercado, principalmente para quem pretende atuar como consultor. Não que todos os consultores passem por uma pós-graduação, mas é o que qualifica para ser um bom consultor. No entanto, em áreas menos aplicadas, concordo que o mestrado ou doutorado podem restringir as opções de atuação para o profissional. Nestas áreas, a pós-graduação te leva a um caminho puramente acadêmico, afastado do mercado. Mas na engenharia, não. O único porém é que a carreira não oferece a melhor remuneração. Só que o grande diferencial é fazer o que você gosta. Minha experiência na indústria me mostrou um mundo que foca muito em resultados de curto prazo e que segue um ritmo maluco, sem tempo para pensar em soluções elaboradas para o longo prazo. Para essas soluções, contratam consultores. Na indústria, não há um compromisso como o que você gosta de fazer e você precisa estar disponível para ir onde é necessário, mas remuneram bem! No início da carreira, o dinheiro até pode ser um fator prioritário. Existe a ideia de que se você ganha bem o suficiente, isso compensa a falta de satisfação no trabalho. “Ah, eu ganho bem, então fora daqui posso fazer o que eu quero”. Mas isso vale por um curto período de tempo. Alguns meses depois tu te pegas olhando para o relógio, vendo tua vida passar enquanto espera o horário de sair do trabalho para ir para casa. É como se estivesse olhando em uma ampulheta a tua vida descendo... Ai pensa que a aposentadoria te dará a liberdade... mas quando te aposentares, já estarás velho. Isso pesou bastante na minha escolha. Então, mesmo não sendo uma carreira que remunere muito em, pelo menos não no Brasil, ainda assim vale a pena por você fazer aquilo que gosta.

E quais as dificuldades que enfrenta no dia a dia?

As dificuldades não são tão exclusivas da universidade, mas são as que encontramos como brasileiros. A infraestrutura, que não é a melhor... a burocracia. Às vezes a sociedade e o mercado exigem mudanças rápidas, mas em uma instituição grande e estatal existe uma inércia a ser vencida para as coisas acontecerem... Então, essa é a parte chata. Quando você compara a realidade das universidades públicas brasileiras com as da Europa e América do Norte, a falta de recursos que existe aqui desanima um pouco. Não que não se possa fazer um bom trabalho sem infraestrutura, mas você sente seu trabalho mais valorizado quando tem apoio. Outra coisa que me incomoda é que as universidades públicas no Brasil são totalmente dependentes de financiamento do Governo Federal. Ainda é forte a cultura dentro das universidades públicas de que é pecado trazer capital privado para dentro da universidade. Acredito justamente no contrário, pecado é ficar dependente de recursos públicos insuficientes para financiar bons resultados, impedindo que a universidade desempenhe seu papel social e científico. A universidade não de ser um organismo isolado do mercado.



Qual conselho você daria para quem planeja seguir essa carreira?

Um conselho? Difícil pensar em um conselho que ajude...! É uma escolha, que a pessoa vai acabar fazendo em algum momento. As vezes a escolha não é antecipada. Eu diria que no meu caso foi mais o destino me empurrando do que eu propriamente escolhendo. O mais importante disso é que é uma carreira onde você tem que fazer a escolha por aquilo que gosta, e não pela parte financeira... Ninguém vai passar necessidade nessa área, não é isso. O retorno financeiro vem ao natural. Mas para quem tem ambição financeira, não é a melhor escolha. A própria engenharia não é a melhor escolha. Acredito que vocês escolheram a engenharia porque gostam da área... é o mesmo tipo de escolha. O prazer por uma carreira não acontece de imediato, a gente vai desenvolvendo aos poucos. Quando se faz uma pós graduação, você geralmente se empolga de início. Na metade da pós dá uma depressão, "meu deus, será que fiz a escolha errada?". No final vem a satisfação e o amadurecimento que gera o prazer pelas possibilidades da carreira. Então, como em todas as carreiras, o início é cheio de altos e baixos. Acho que isso vale para qualquer escolha que a gente faça na vida. Um conselho específico... eu não saberia dar. Acho que o segredo está em se fazer o que gosta. Quem escolhe fazer o que gosta, não se arrepende.

Como é sua relação com seus alunos?

Não tenho reclamação. Como cada turma é diferente e adquire certas características. É bem notório isso. Algumas turmas são mais participativas e outras mais quietinhas, e não significa que a maioria dos alunos tenha essa característica, mas a soma do grupo acaba favorecendo uma ou outra característica. Meu convívio e minha relação com os alunos é bem legal. Aqui na UFSC o nível dos alunos é muito bom. A relação que tenho com os alunos fora de aula não é tão próxima por característica pessoal, sou mais introspectivo e um pouco tímido. Por isso fica um certo espaço, mas não uma separação! Não gosto da separação entre professores e alunos, onde o professor ocupa uma posição de alguém inalcançável. Isso não é natural. Alunos e professores são iguais, só estão desempenhando papéis diferentes. Nada impede que daqui um ano, ou até menos do que isso, os nossos papéis estejam invertidos: você esteja dando uma palestra ou um curso e eu esteja sentado aprendendo contigo. Por isso o tratamento que tenho com os alunos é de igual para igual, respeitando o papel que cada um está desempenhando.

O que você espera de um aluno seu em sala de aula?

Eu tento não fazer julgamentos, pois as pessoas têm características e interesses diferentes. Enquanto aluno, eu sempre fui meio disperso. Mesmo em aulas que gostava muito com professores de quem gostava, nunca conseguia ficar focado o tempo todo. É uma característica pessoal. Então, tento lembrar disso quando vejo alguns alunos dispersos... pode ser característica ou eles não têm interesse no assunto.

Isso tudo é normal e aceitável! No entanto, precisamos ser honestos e arcar com nossas escolhas. O título de engenheiro exige um conhecimento mínimo em diversos assuntos, goste deles ou não. O aluno não tem obrigação de gostar de um professor ou de um conteúdo, mas deve mostrar comprometimento com o curso e atender as obrigações mínimas que o curso exige. Acho que a palavra é essa: comprometimento. É o que espero de um aluno! Foram muitas as disciplinas que cursei e das quais não gostava. Mas sempre me comprometi em aprender o mínimo exigido! Acho que isso é ainda mais importante para quem está em uma universidade pública, por ter seu curso custeado pelos contribuintes.

Qual a sua opinião sobre o curso mudar para Produção Plena?

Essa é uma discussão que está em alta aqui dentro, pois é um projeto que já está atrasado. Do ponto de vista de formação, acho importante termos um curso pleno pois o currículo atual não possui espaço para incluir alguns assuntos importantes para a produção. Também acho importante vocês terem o título de Engenheiros de Produção. Apesar do mercado local reconhecer a formação de vocês, isso facilitaria a entrada em mercados mais distantes. Outro ponto importante está na reestruturação curricular, pois permitiria distribuir melhor a carga horária. Acho que, atualmente, o curso possui uma carga horária muito alta. Isso dá pouco tempo para “digerir” os conteúdos. Como disse antes, o mercado aqui já conhece o profissional que sai da UFSC e não vê problema nenhum nisso. E realmente, não tem problema nenhum nessa formação. Mas eu acho que o curso pleno é o cominho natural, apesar de estar difícil prever prazos.

Como foi sua experiência na faculdade? Que tipo de aluno você costumava ser?

Acho que todo mundo que acaba seguindo a carreira acadêmica é porque tirou notas altas. Eu não era o melhor, eu tinha colegas que eram fora da curva, um pessoal ao qual é difícil se comparar. Mas estava sempre entre o grupo dos melhores desempenhos. Eu gostava de aprender e gostava de desafios. Às vezes o pessoal reclamava dos professores, reclamava das injustiças que aconteciam. E é normal, isso acontece mesmo. Mas o que a gente leva da universidade são as experiências com os ótimos e os maus professores. Os ótimos é porque se toma como modelo. Geralmente como modelo de pessoa. Eu lembro de alguns ótimos professores que eu tive na minha graduação e tento me espelhar neles, como profissional e como pessoa. Já os maus professores forjam o nosso caráter e nossa autoconfiança. Superar as injustiças e dificuldades impostas por estes professores, nos preparam para dificuldades maiores que encontramos na nossa vida profissional. Não acho que se justifique um professor ser injusto ou ser um obstáculo para os alunos dentro do curso, mas isso acaba sendo uma grande oportunidade para o aluno se ele tentar tirar o melhor da situação. E olha que tive professores com problemas psicológicos evidentes. Mas, apesar do estresse e da ansiedade, hoje, quando eu olho... que experiência! Foi, talvez, uma das experiências mais importantes que tive dentro da universidade.

Algo de que se orgulha?

Me orgulho de ser professor da UFSC! Trabalhar em uma universidade tão bem-conceituada, e na área de interesse... é algo que eu tenho orgulho. Trabalhar aqui abre muitas oportunidades para colaborar e fazer a diferença no crescimento da região. Seja pela formação de bons profissionais, como será o caso de vocês, ou por projetos de extensão, levando novos conhecimentos de engenharia para a indústria local.

Como é você fora da universidade?

Dois anos aqui deveria ser o suficiente para conhecer bem a cidade, mas eu ainda me sinto um pouco perdido. Principalmente porque meu grupo de amigos está em Porto Alegre, onde tínhamos um grupo de voleibol. Eu já joguei voleibol antes de entrar na faculdade, no interior do Rio Grande do Sul. Que inclusive era o time do Gustavo, irmão mais velho do Murilo, que ainda está na seleção. O Gustavo já se aposentou, acho que ele está como assessor técnico do time de Canoas. Claro que eu não tinha o mesmo talento que ele, por isso que hoje sou engenheiro e não estou jogando! (risos). Mas o vôlei é algo que sinto falta, até por estar em uma cidade que tem bastante praia. Às vezes eu até procuro o pessoal que esteja jogando vôlei de praia, mas não consegui encontrar um grupo ainda.

Livro favorito?

É um livro que conta uma das expedições de Ernest Shackleton, um dos grandes heróis da exploração da Antártida. O nome é "Sul - A Fantástica viagem do Endurance". Ele é o diário de bordo do Shackleton. Existem vários livros descrevendo essa expedição e todos eles dão foco na incrível capacidade de liderança de Shackleton. A história é incrível, quase inacreditável! É uma ótima leitura para se aprender sobre liderança, como ser um líder de verdade e o preço que se deve pagar por estar em tal posição.

Um ídolo?

Eu tomo muito cuidado ao ficar identificando ídolos porque a gente geralmente fantasia muito! Mas eu tomo como referência as pessoas que tentaram mudar o mundo pelo exemplo. Gandhi, Martin Luther King... não são pessoas que ficavam reclamando e criticando de uma posição confortável, enquanto instigavam outras ao conflito. Essas pessoas mudaram o mundo pelo exemplo, mostrando resistência de forma pacífica. Essa é a força mais transformadora quando se busca uma evolução da sociedade. Pois não atende a necessidades pessoais, mas convida a todos a mudar, respeitando a individualidade. É a maneira que funciona, do meu ponto de vista. Ter essa força interior e essa visão faz dessas pessoas os meus ícones.

Uma frase que você gosta?

Não é uma frase, mas uma máxima que sempre carreguei comigo, principalmente na graduação e no início da pós-graduação. É um período em que você está aprendendo muita coisa nova e às vezes se questiona se é capaz de dominar aquele assunto e cumprir certas tarefas. A máxima diz o seguinte: “O sucesso para qualquer empreendimento na vida depende de três coisas: esforço, tempo e método”. Reunindo esses três elementos o sucesso está ao nosso alcance. Não existe método que substitua a falta de esforço. E não existe esforço ou método que substitua o tempo natural de amadurecimento de cada evento. Para a vida profissional, o método vocês estão recebendo aqui na universidade. Portanto, o sucesso ainda dependerá do esforço dedicado neste percurso e do tempo necessário para cada um amadurecer como profissional.